

Brasília sofre com os podres dos poderes

Toda vez que estoura um escândalo na Capital Federal, o que não é raro, o brasiliense passa a ser visto com desconfiança

Genoveva Rulsdías

Durante a campanha eleitoral que elegeu Fernando Collor de Mello para a Presidência da República, os habitantes de Brasília ganharam um apelido em todo o País. Eram os *marajás*, independentemente de suas profissões ou de seus locais de trabalho.

Atualmente, com a instalação da CPI da Comissão de Orçamento da União do Congresso Nacional e o envolvimento de nomes conhecidos e desconhecidos de deputados federais, senadores, ministros e governadores, o brasiliense começa a ganhar uma nova fama nos demais estados da federação: se não for olhado como corrupto, é pelo menos conivente. Sobre isto, Nelson Rodrigues cunhou uma de suas frases que muitos podem não concordar: "Em Brasília, todos são inocentes e todos são cúmplices".

Muito forte durante o período de apuração da CPI do PC, e mais leve e permanente após a saída de Collor e a queda da chamada *República de Alagoas*, este preconceito atingiu em cheio os alagoanos, que passaram a ser olhados com desconfiança nas demais cidades brasileiras, especialmente nos principais centros do conhecido *Sul maranhense*. Simplesmente por serem originários daquele estado, muitas pessoas chegaram a ter seus cheques recusados em hotéis e restaurantes.

Para o antropólogo e professor da UnB, José Jorge Carvalho, este fenômeno tem um duplo significado. "Primeiro, de raiva e ressentimento diante dos fatos e o segundo, de atestado que Brasília é a capital do País e não há retorno. É o reconhecimento, de uma maneira perversa, de que somos habitantes da capital", afirma ele.

"Esta pecha é injusta, a parcela da população que vive em torno dessa mesa generosa do poder é ínfima", defende a colunista política Tereza Cruvinel, de *O Globo*. Mineira e moradora da cidade desde 1970 e há 15 anos militando na esfera do poder, ela afirma que existem duas Brasília. Uma do cidadão comum, trabalhador, residente nas cidades-satélites e outra, que gravita em torno dos três poderes — Executivo, Legislativo e Judiciário. "São duas Brasília estantes, que não se comunicam", diz ela.

"Brasília não é a Esplanada dos Ministérios e os corruptos são todos de fora", indigna-se o deputado federal do PT/DF, Chico Vigilante. Um exemplo disso é o PC Farias e o deputado João Alves não serem de Brasília e operarem seus esquemas com Rio de Janeiro e São Paulo, demonstra o deputado.

Já o artista plástico Athos Bulcão, criador de vários monumentos — símbolos da cidade, acredita que esta situação seja transitória, "pois após uma ditadura de 20 anos, existe todo um desaprendizado do que seja democracia. O que está acontecendo é um abuso, um descalabro louco e um grande mal-entendido em relação à cidade", defende o artista carioca que adotou a cidade há 35 anos.

Expectativa — Athos Bulcão afirma que tem sofrido este fenômeno na carne. "Brasília é vista como o paraíso dos ladrões e existe a tendência de generalização disso para a população", afirma ele, que considera os congressistas homens sérios na sua maioria. "O que precisamos é separar o joio do trigo", completa.

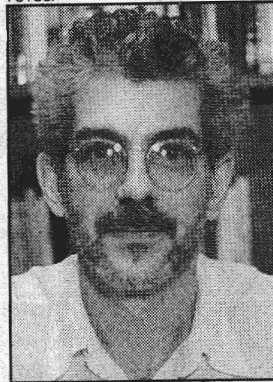
Ele destaca o papel desempenhado pela imprensa na investigação, elucidação e denúncia dos fatos. "A situação será elucidada, é uma questão de tempo. Com isso, aprenderemos a votar", afirma, considerando estar na moda falar mal de Brasília.

ARQUIVO



Nelson Rodrigues: todos são cúmplices

FOTOS: EVANDRO MATHEUS

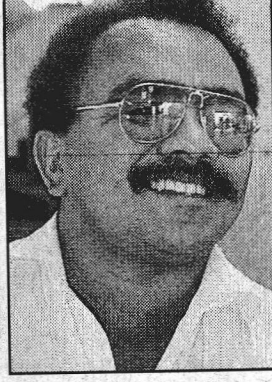


José Jorge: raiva e ressentimentos

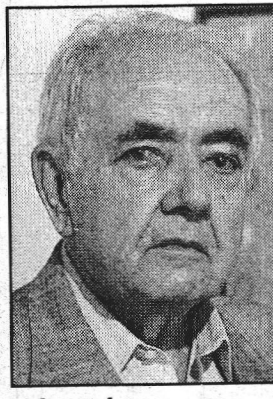


Tereza Cruvinel: duas Brasília distintas

CARLOS MOURA

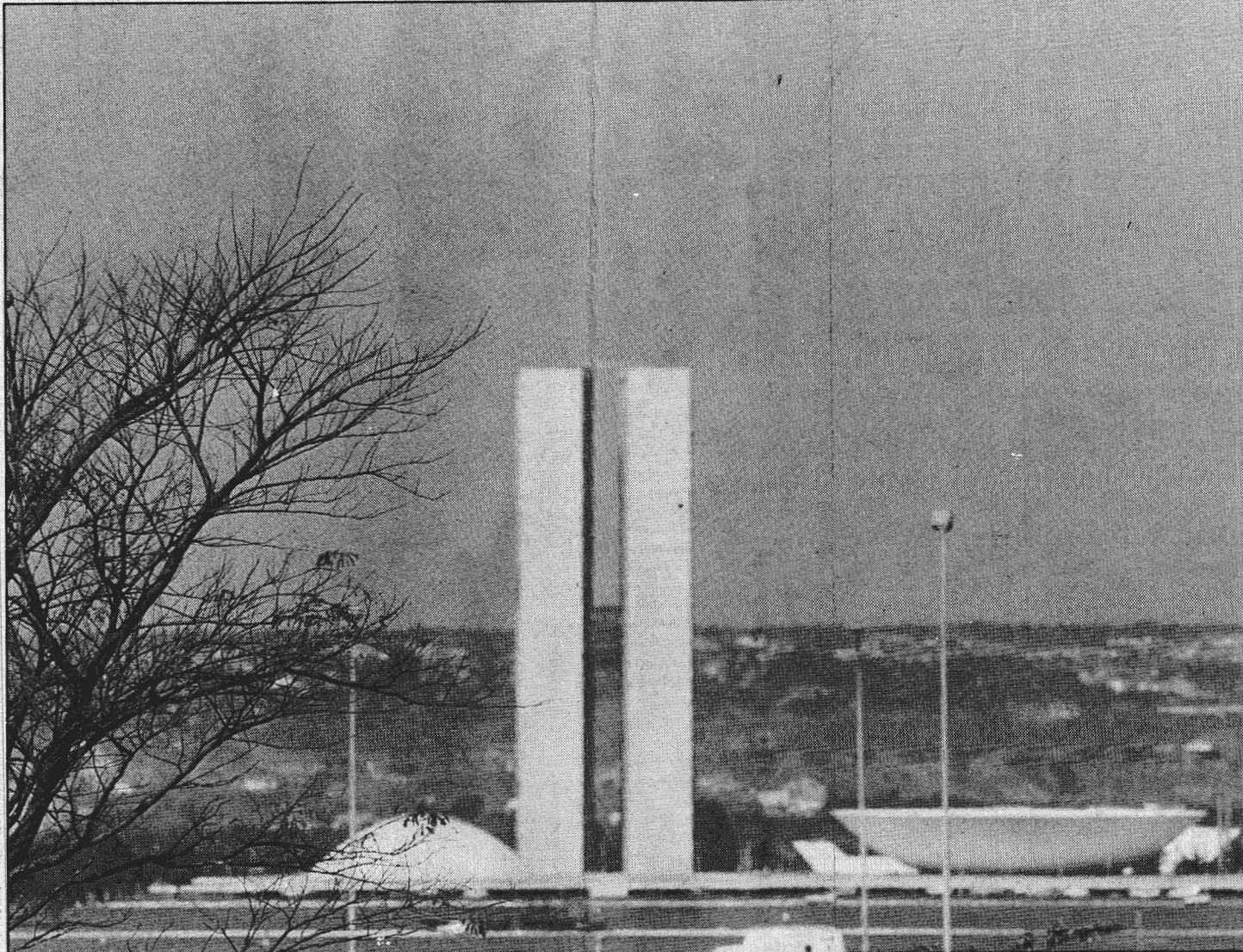


Chico Vigilante: cidade tem muita coisa boa



Athos Bulcão: separar o joio do trigo

ARQUIVO



O aspecto imponente dos símbolos do Poder em Brasília não pode ser tomado por sinônimo de transparência de seus moradores

O antropólogo e professor José Jorge Carvalho também sentiu esta rejeição à cidade, quando formado pela UnB morou no Rio de Janeiro por alguns anos. No princípio da Nova República, fazia parte do clube do *poire* de Ulysses Guimarães e, na época do governador José Aparecido, era a cidade do esoterismo, lembra ele.

Para o professor, a cultura da corrupção é mais transparente em Brasília do que em qualquer outro estado brasileiro. "A rede social do Plano Piloto é muito pequena e alcança involuntariamente pessoas que nada têm a ver com a situação. É fácil conhecer alguém envolvido em algum escândalo", diz o professor que entende que o esquema do poder atinge involuntariamente também as cidades-satélites.

"As pessoas fora de Brasília têm uma idéia precária sobre a cidade", afirma ele, que culpa as elites econômicas da cidade por contribuírem para este tipo de imagem. "Essas elites não ajudam a criar um perfil cultural para Brasília. Uma cidade não pode depender do termômetro político", diz ele, lembrando famílias tradicionais que perpetuaram seus nomes no desenvolvimento de instituições culturais localizadas no Rio de Janeiro e São Paulo.

Para o professor, os moradores de Brasília sofrem do efeito *contágio* de relação involuntária com corruptos, mas muito menos que Alagoas. "Temos a vantagem de Brasília ser a capital do País", explica.

Necessidade — Para o deputado petista Chico Vigilante, o governo do Distrito Federal deveria mostrar o que a cidade tem de bom. Ele mesmo destaca alguns pontos positivos como o serviço médico, que mesmo com menos qualidade, ainda atrai gente de fora; a qualidade de vida que não chega a ser das piores, mesmo nas cidades-satélites; a união entre as pessoas, bem diferente de outros centros como São Paulo; a educação e o ensino público, onde os professores são todos formados, o que não acontece em cidades do interior do País; a segurança, onde os policiais de Brasília são mais preparados, os casos de corrupção são isolados e a corporação não se encontra comprometida como no Rio de Janeiro. O deputado petista também destaca como vantagens do brasiliense a sua religiosidade e misticismo e os políticos da cidade, sobre os quais não pesam acusações de corrupção.

"Pagamos pelo que não fizemos e isso me deixa indignado", afirma ele, avaliando ainda que pelo menos de sete a 20 deputados deverão ser cassados após o término dessa CPI. "A sobrevivência da democracia passa pela cassação dos envolvidos. Depois disso, precisamos chegar até o Poder Judiciário", afirma Chico Vigilante.

Sistema — Para a jornalista Tereza Cruvinel, o que acontece em Brasília é o fato de na esfera do poder existir uma enorme influência das relações pessoais. "Para quem usufrui, o sistema é benevolente e proporciona ascensão social", diz ela, considerando José Carlos dos Santos, o ex-diretor de Orçamento da União e corrupto confesso, como um cooptado e corrompido por esse sistema.

Segundo Tereza o que falta ao brasiliense é assumir a cidade e não alimentar o preconceito alheio. "Temos uma geração de pessoas que nasceram aqui. Brasília não é mais um acampamento", afirma ela, mesmo reconhecendo algumas desvantagens da cidade.

"Perdemos a tranquilidade dos anos 70, mas ainda é uma cidade sem as grandes mazelas dos centros urbanos", diz. Ela conta que quando viveu no Rio por cinco anos, o que mais chocava os cariocas era ouvi-la dizer que sentia saudades de Brasília.

Uma cidade sob os bons e maus humores astrais

Mesmo com o seu destino escrito pelos planetas Brasília está vivendo uma espécie de revolução, quando antigos valores estão sendo substituídos por novas idéias. Quem afirma isto é o astrólogo e tarólogo Geraldo Seabra, também jornalista aposentado, um pernambucano que mora em Brasília desde 1961.

A partir da data e hora de inauguração da cidade — zero hora do dia 21 de abril de 1960, ele traçou o mapa astral de Brasília com suas principais tendências e vocações. Esta revolução citada por Seabra foi estabelecida no último dia 24, com a ocorrência da conjugação de Urano e Netuno sobre Saturno no mapa de Brasília, quando já haviam começado os trabalhos da CPI

da Comissão de Orçamento da União. "Brasília está vivendo uma fase de grande mudanças, uma possível virada de mesa", diz o astrólogo que atualmente ocupa a maior parte de seu tempo dando aulas de astrologia e esoterismo no Colégio dos Magos de Brasília, na 311 Norte.

Tendência — Seabra começou a se interessar por astrologia quando ainda era repórter em Recife numa entrevista com um astrólogo em 1949. Depois de aposentado, entregou-se mais a esta atividade, sendo atualmente um dos nomes respeitados do meio místico.

"Brasília já ganhou o apelido de *ilha da fantasia*, nome bem aplicado por ter ela no seu mapa Netuno na décima casa em oposição ao Sol, o que indica tendências à ilusão", diz Seabra.

Além disso, ele afirma que Júpiter em mau aspecto com Mercúrio e Netuno em oposição ao Sol formam dois aspectos negativos, de quem tem uma tendência natural para não ser um modelo de correção. "Se fosse uma pessoa, eu diria que ela não seria indiferente a falcatrias. Brasília inspira negociatas", diz ele.

O destino dos habitantes pela astrologia

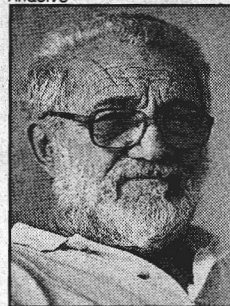
Positivos

- ☐ As mulheres têm em Brasília uma chance muito grande no mercado de trabalho e uma presença muito forte na política.
- ☐ Na parte religiosa o brasiliense tem um estímulo muito forte ao estudo e recolhimento.
- ☐ Favorecimento às artes, em geral.
- ☐ Tendência para o florescimento da indústria editorial e comércio do livros.
- ☐ Se houver a superação de dificuldades econômicas para o desenvolvimento de estudos, Brasília poderá produzir verdadeiros gênios.

Negativos

- ☐ Aqui gasta-se mais do que se ganha.
- ☐ Tendência para se gastar muito dinheiro com bebidas.
- ☐ Tendência a separações, a traições amorosas e, também, ao misticismo.
- ☐ Tendência ao individualismo, à criminalidade juvenil e ao abandono da infância e juventude.
- ☐ Tendência à violação e desrespeito aos direitos das mulheres em todos os níveis sociais e de relacionamento.

ARQUIVO



Seabra: tendências para a ilusão

POLÍTICA

As mulheres se unem para criar partido próprio

Eveline de Assis

Com a proposta de fazer uma ampla reforma no sistema parlamentar do Brasil, prevendo há pelo menos três anos o que acontece agora, começa a despontar timidamente o Partido Brasileiro de Defesa dos Direitos da Mulher (PBDDM). Com apenas cinco meses de vida legal tempo em que conseguiu seu registro provisório, o PBDDM já se instalou em 18 estados brasileiros e espera que até fevereiro do próximo, ano consiga cumprir a exigência

do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), de a adesão de 20 por cento do eleitorado em nove estados do País, para ter seu registro definitivo e concorrer às próximas eleições.

O PBDDM surge como uma opção ao combate à corrupção. Segundo sua presidenta nacional, Aldenora de Sá Porto, o Partido Brasileiro de Defesa dos Direitos da Mulher não vai se preocupar com direita, centro ou esquerda, mas com a ética política. Uma de suas propostas é reduzir a quantidade de mandatos dos parlamentares para "no máximo dois", a fim de dar oportunidade a outros brasileiros, principalmente a grandes mulheres que não têm tido chances.



Haidee (E) e Aldenora: primeiro partido só de mulheres

"Atualmente as mulheres que estão no Congresso ou são esposas, ou filhas de políticos. Chegamos para dizer que as mulheres não são uma exceção e sim uma população. Queremos acabar com o sistema feudal que se instalou no nosso parlamento", afirmou

Aldenora que garante que o partido seguirá as leis da democracia e está dentro da lei orgânica dos partidos.

Pioneirismo — Segundo Aldenora Porto, o PBDDM é o primeiro partido no mundo organizado e instituído por mulheres. Todos os cargos de presidências regionais são ocupados por mulheres. "Isso não quer dizer que os homens não têm lugar no nosso partido. Aceitamos todos os homens de boa vontade, honrados e que estejam descontentes com o sistema atual". Da mesma forma que existem as religiões ecumênicas somos um partido ecumênico e o passaporte para nosso partido é a dignidade.

Para a presidente nacional do partido, a mulher foi milenarmente condicionada a uma ignorância planejada. "Mas agora os tempos mudaram e as mulheres precisam participar em 50 por cento das grandes decisões, ou não haverá harmonia". A presidente regional do PBDDM no Distrito Federal, Haidee de Souza Neves, diz que se

elas estão acostumadas a administrar a miséria deste País, têm condições de administrar a riqueza também.

Explicando e justificando a necessidade da presença feminina no parlamento, Aldenora, que é advogada e radialista, afirma que a mulher é muito menos corruptível do que o homem, principalmente por ser ela a responsável pela sua educação. Além disso a própria natureza da mulher não é *crimínogena*. "Os crimes hediondos, cruéis e fúteis quase não são praticados pela mulher, mas é diariamente praticado pelo homem".

O PBDDM vai lutar prioritariamente pela educação e a saúde, e pela criação do Ministério Especial para Assuntos Femininos. "Sabemos que a luta é longa e que este é um partido do terceiro milênio. Por outro lado, apesar de nos negarem o Senado e a Presidência da República, vamos lutar para engajar as mulheres na Câmara dos Deputados, nas Assembléias Legislativas dos estados e na Câmara Legislativa do DF".